

CONTRA-MEMORIA

SOBRE

O CHAMADO BAPTISMO

DO RÉO

MANOEL INNOCENCIO DE ARAUJO MANSILHA,

EXECUTADO A 20 DE JUNHO DE 1828.

O Impio depois de haver chegado ao profundo dos peccados, tudo despreza.

Liv. dos Proverbios de Salomão Cap. 18. vers. 3.

QUANDO eu lia a Memoria que o R.^{mo} P. M. Fr. Claudio da Conceição escrevêo sobre as disposições, com que os reos Estudantes da Universidade de Coimbra chegarão ao patibulo em 20 de Junho passado, não sei que receio, ou desconfiança se apoderava de mim a ponto de que, senão tudo, pelo menos a melhor parte se me antolhava, como a derradeira prova do atheismo, que pelo menos alguns dos sobredictos Estudantes professavão. Queria enternecer-me, e compungir-me nomeadamente á vista do que parecia conversão ainda mais assombrosa, que a de S. Paulo; e huma especie de frio interior me enregelava o coração, estorvando-lhe que se deixasse possuir daquelles sentimentos.

Parecia-me incrível que no meio de gente Christã, e em huma Villa das mais consideraveis deste Reino, onde costuma residir hum Vigario Geral, Delegado do Arcebispo Primaz, houvesse o fenomeno de hum seu natural não baptizado, não confessado, ou só fingidamente confessado. Sem fallar agora na Certidão de Baptismo, a qual deve justificar na Universidade, que já se enchêrão os annos, que a Lei exige para o começo dos estudos nas Faculdades Academicas, digo que, apezar do adagio = *Corruptio*

optimi pessima = pois assim como ha Transmontanos Realistas, que mui difficulosamente poderão ser excedidos, assim tambem ha Constitucionaes Transmontanos que pedem meças aos mais furibundos Radicaes da Inglaterra, eu tremia só com a lembrança de que já em o principio deste seculo houvesse no coração daquella Provincia hum tal adiantamento *de luzes*, que certos Pais se atrevessem a defraudar seus filhos de hum Sacramento indispensavel para serem Christãos.

Parécia-me outro sim que o R.^{mo} P. M. Fr. Claudio fôra enganado pelos fingidos signaes de contrição da parte do réo Manoel Innocencio de Araujo Mansilha, e que a declaração de não ser baptizado só podia nascer de tres causas. 1.^a Ganhar tempo até vêr se os Irmãos de Coimbra tentavão aquelle *grande esforço*, que tão solememente se promettera aos réos para os animar á execução dos infernaes planos da Sociedade Coimbrã. 2.^a Captar assim a benevolencia dos circumstantes, para que movidos de compaixão se interessassem pelo réo, e o fizessem evadir á pena merecida, ou pelo menos concorressem para se alongar o prazo, vista a necessidade de ser instruido na Fé este Cathecumeno. 3.^a Mofar do proprio Sacramento, que não he tão sujeito a profanações, como os outros dous de Penitencia, e da Eucharistia que o réo pouco antes recebera indignissimamente.

Não me parecêo mal, nem fui temerario em os meus juizos; e, deixando agora mais preludios, existe na Parochja de S. Pedro de Villa Real o Assento do theor seguinte:

Manoel... (1) filho legitimo de João Baptista de Araujo, e sua mulher Antonia Rita da Gra-

(1) Chamava-se Manoel Antonio neste Assento de Baptismo, porém mais adiante se lhe substituiu o sobrenome de Innocencio, por despacho do Vigario Geral.

ça, naturaes, e moradores na rua do jogo da bola, desta Villa Real, e Freguezia de S. Pedro, neto paterno de José Manoel de Araujo, natural do Lugar e Freguezia do Salvador de Medrões, Bispado do Porto, e de sua mulher Jacintha Josefa, natural desta mesma Villa, e Freguezia, e materno de Antonio da Silva Torres, e sua mulher Thomasia Joaquina de Jesus, ambos naturaes desta Freguezia, nascêo em o dia 3 de Maio deste presente anno de 1802, e foi baptizado *sub conditione*, e houve os Sanctos Oleos por mim o Coadjutor desta Igreja abaixo assignado em o dia 9 do dicto mez de Maio, sendo Padrinhos Manoel José de Cobêlo, da Cidade do Porto; e assistio por sua procuração o Avô do baptizado, Antonio da Silva Torres, e Madrinha Nossa Senhora do Carmo, e com prenda della assistio Thomasia Joaquina de Jesus, Avó materna do baptizado, desta Villa, e Freguezia, de que fiz este termo, que assignei com os Padrinhos. *Era ut supra.*

O Coadjutor,
Fructuoso Ignacio Corrêa de Azevedo.

Accresce que o Pai do réo Manoel Innocencio de Araujo Mansilha nunca esteve na Inglaterra, nem fez outra viagem ultramarina, que não fosse a deste Reino para a Côrte do Rio de Janeiro, que por certo lhe não foi inutil. A's mercês que então (1809) obteve do Senhor D. João VI., a titulo de não sei que proezas obradas contra o Exercito Francez, devêo o réo seu filho, além de outras vantagens, a propria frequencia da Universidade, para o que nunca teria meios durante a primeira profissão de seu Pai, o que devia ter-lhe imprimido outras idéas sobre o respeito que lhe cumpria ter a hum Filho daquelle Soberano, que não só as Leis Fundamentaes da Monarchia, mas tambem os sinceros votos de todos os Portuguezes,

que não querem ser Pedreiros Livres, chamavão para lhe succeder no Throno.

Para consolação porém da humanidade, justamente espavorida de que em Portugal se creassem taes monstros, direi que não se chega por salto, e sem o intervallo de copia de acções perversas, a huma que parecêo tocar os ultimos apices da crueza, e da atrocidade. O réo já antes das erudições Conimbricenses tinha acutilado seu Avô materno; e, ao que dizem os proprios que lho arrancárão das mãos, por enfadado de que este ancião rezasse pelas suas contas. A forja Maçonica, ha tantos annos accessa em Coimbra, achou neste candidato materia assás disposta para o repassar de todas as pestilenciaes doutrinas, que houvessem de constitui-lo para o futuro hum dos mais denodados campioes da libertinagem e da impiedade.

Tudo que he máo, que he atroz, que he fora da natureza, se devia temer da parte de taes monstros; confesso porém que nunca me lembrou, nem sequer me veio á imaginação, o horrendo catastrophe succedido a 18 de Março. . . . Mattheus de Sousa Coutinho, e Jeronymo Joaquim de Figueiredo, meus collegas até em sentimentos de amor e lealdade para com o Legitimo Soberano destes Reinos. . . . Ainda virá tempo que eu exhale toda a minha indignação, que ainda ha poucos dias me subio de ponto ao transitar por esses lugares ainda salpicados do vosso sangue. . . . Perdoai huma demora involuntaria. . . . Os punhaes, que vos acabárão de matar, ainda estão apontados contra o meu peito. . . .

Assim como o R.^{mo} P. M. Fr. Claudio da Conceição, obrando em tudo de boa fé, semeou na sua Memoria muitas reflexões Christãs, e judiciosas sobre o Sacramento do Baptismo, disposições necessarias para elle, e seus admiraveis effeitos; seja-me tambem permittido concluir esta Memoria com algumas reflexões, que o caso está pedindo, e que não podem ser desagradaveis aos bons Portuguezes.

Este suplicio dos nove ladrões e assassinos, exigido por todas as Leis, e desejado por todos os bons, foi certamente hum dos mais completos, e signalados triunfos, que a Justiça humana tem alcançado sobre a perversidade, contumacia, e descaramento dos malvados. Impune que fosse tal crime (que para os desta natureza o desterro, e as galés são verdadeiros premios) seria Portugal o Reino mais infeliz da Europa, e dentro em poucos annos se tornaria inhabitavel: pois quem teria assás constancia para viver entre hum como rebanho de feras privilegiadas, para commetterem, sem o mais leve receio de pena ultima, os mais atrozes, e inauditos crimes? E com effeito hum covil de feras estava, ha oito annos a esta parte, disposto e preparado em Coimbra; e nada menos se devia esperar das Côrtes revolucionarias de 1820, que apenas installadas logo derão a conhecer, que tomavão a peito destruir tudo que houvesse de *gothico* nas Instituições litterarias deste Reino, quero dizer, tudo o que cheirasse a sentimentos de Religião para com Deos, e de lealdade para com os Soberanos.

Desde aquella nunca assás denegrida e vituperada época, os antigos recrutadores para a Maçonaria dobrarão o seu zelo, e actividade, mormente em Coimbra. Alguns Mestres e Sacerdotes!!! forão os principaes corifeos desta *Propaganda*, que, tornando-se em poucos dias qual impetuosa torrente, levou consigo tudo o que não sabia oppor-lhe huma vigorosa e aturada resistencia. Quando a entrada para a Maçonaria traz consigo huma quasi certeza (1) de ser approvado nos Exames, e Actos, que fará hum Estudante amigo do ocio, e dos prazeres, e que infelizmente não recebêo de seus pais huma educação religiosa? Quando a entrada para a Maçonaria se pin-

(1) Digo == quasi certeza == e o grande numero de Lentes da Universidade, que são adherentes á Causa do Senhor D. Miguel, serão os primeiros que me relevem este modo de fallar.

ta aos novos adeptos como hum degráo indispensavel para subir a toda a classe de honras, e dignidades, que farão os proprios, que de huma parte mal seguros na Fé, e por outra fervendo em ambição, tem chegado ao fim da sua carreira Academica?

Destes preludios seguio-se hum crescido numero de impios, ou Constitucionaes; e por tanto quem possuir esta chave, tem o necessario para abrir ou manifestar as razões, por que se armão 400 Estudantes a favor de hum Rei intruso, e não chegão a 50 (1) os que no dia 24 de Junho do presente anno conseguirão nas visinhanças de Sernache huma gloria immortal, que por certo escurece todas as mais, que o Corpo Academico tem alcançado por differentes vezes batalhando em pró da Serenissima Casa de Bragança.

Eu vi estes denodados, e briosos mancebos reunidos em o grande rocio de Leiria em huma acção mui decisiva para a boa Causa, pois estavam dando com a sua presença, e com os seus vivas grande calor ao valoroso e leal Regimento de Infantaria N.º 22; vi-os marchar no dia seguinte (25 de Maio) na direcção da Villa de Pombal, e voltarem no outro dia com os pés ou inchados, ou vertendo sangue pela estranheza de taes marchas, porém alegres e dispostos a encetarem no dia seguinte outras mais laboriosas marchas, quando assim o requeresse o bem do Serviço d'ElRei o Senhor D. Miguel I. Foi necessario que eu visse este espectáculo, que mais de huma vez me arrancou lagrimas, para que sentisse no meu coração huma certa ufania de ser Portuguez, a qual outo annos havia, que desaparecêra inteiramente de mim, ficando-me todavia huma especie de enjoo e aversão ao Portugal degenerado.... Sim, ao moderno e vicioso Portugal, que olhando com huma indifferença

(1) Bem se vê que não he do meu animo tirar o merecido louvor aos mais Estudantes Realistas, que se alistarão nos differentes Corpos de Linha, ou de Milicias Urbanas etc.

estupida para a sua propria infamia, dilapidação, e ruina, parecia chamar sobre si aquella invectiva = Homines ad servitutem natos! *homens nascidos para escravos da Maçonaria!*

Nem todos os Estudantes de Coimbra são assassinos e ladrões de estrada. . . . Eis a mui grata reflexão, que este punhado de valentes me excitou; era porém necessario maior desafogo á como pezada nuvem de tristeza que me opprimia o coração desde o fatal dia 18 de Março. . . . Era necessario que eu pudesse afirmar com segurança. . . . Nenhum Estudante de Coimbra poderá ser daquelles diante, sem receio algum da severidade das Leis, assassino ou ladrão. . . . O dia 22 de Junho foi o que me trouxe esta consoladora certeza, pois antes disso, que bom Portuguez poderia dizer em Coimbra = passarei esta noite em socego . . . não temo ser assassinado? E com effeito nos dias previos á nefanda rebellião de 22 de Maio reunião-se as lojas diariamente em Coimbra, e nos passeios e companhas desses tigres vestidos de batina amadurecião os projectos das noites precedentes. No Domingo 18 do mez cuidou-se em apurar a lista dos que forçosamente havião de ser mortos, quando rebentasse a sedição; a segunda e a terça feira forão dedicadas ao mesmo fim *Liberale e philantropico*, porque havia empenhos talvez para se accrescentar o numero das victimas. Já encaravão estas com huma especie de surrizo desdenhoso, que por si mesmo, e sem elles o pensarem, era hum como aviso para que ellas se pozessem a salvo. A's dez horas da manhã do dia 22 atravessavão com hum estoque, á falsa fé, hum Realista no meio da rua da Calçada, e alliciavão publicamente os Milicianos de Coimbra e da Figueira para tomarem parte na sua rebellião; e com estes preliminares dispunhão-se para entoarem pelo meio da tarde os vivas á Constituição, e á Liberdade!! Sumidos até esse tempo, surdirão como debaixo da terra os *conspicuos* membros da Jun-

ta de Segurança Maçonica, para darem alma com a sua presença ao movimento geral, que ha muito se preconizava: apparecêrão logo 400 Estudantes armados, que nesse resto da tarde, e por toda a noite renovarão o que se conta dos furores, e delirios das antigas Bacantes; e, sonhando a proxima entrada na Capital do Reino, davão-se mutuamente os parabens de que soltarião brevemente os presos do Limoeiro, talvez para serem os Legisladores da nova Republica, e tomarem assento em algum novo Salão das Necessidades.

Graças á firmeza incontrastavel, e amor da justiça, que distinguem o nosso adorado Soberano. As cabeças dos réos cahem debaixo da espada da Lei; revive a segurança geral, e pessoal, ha muito ou vacillante, ou perdida; tornamos a ser Portuguezes, porque só poderemos ser Vandalos quando não se administre justiça igual, e desasombrada de respeito humanos. após esta cabeça que não era das menores da hydra Maçonica, vão-se cortando outras de maior volume, e cedo nós deveremos a estes actos de justiça os dias mais formosos de Portugal. Bem sei que á hydra já crivada de golpes, porém ainda sobeja nos espiritos vitaes, se ouvem de quando em quando sons mal articulados, que custão a entender, e que acabão em huma cousa assim por modo de *invasão estrangeira*. Ah! como tem perdidas as esperanças cá de dentro. Lá com os de fóra nos haveremos nós soffrivelmente, pois, graças a N. Senhor, só a Provincia da Beira, sem fallar agora em as outras, acaba de ensinar-me que ainda ha Veriatos.

F I M.

L I S B O A :
 NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1828.
 Com Licença.